

Patricia Rodrigues Tanuri Baptista
patricia.baptista@unihorizontes.br

Interação e identidade no rádio: o caso de um programa popular de Belo Horizonte

Interaction and identity in radio: A popular radio show from Belo Horizonte

RESUMO - Este artigo focaliza conversas telefônicas entre ouvintes e locutores de rádio e tem como objetivo principal descrever e analisar, em um programa de rádio popular de Belo Horizonte, as estratégias discursivas utilizadas pelos interactantes no processo de co-construção de identidades sociais. Trata-se de um trabalho de microanálise do discurso, na área da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Tannen, 1984, 1989; Schifffrin, 1996). Os dados foram obtidos a partir de gravações em fita magnética áudio, contabilizando trezentas páginas transcritas e 171 interações. Foi selecionado para os fins de análise a que este trabalho se propõe o programa “Mistureba” pertencente à Rádio Favela de Belo Horizonte (Favela FM). A análise revela que, no programa em estudo, as identidades sociais de locutor e ouvinte são construídas com base na demonstração de uma afiliação social que se revela, sobretudo, no uso de formas de tratamento que reivindicam inclusão no grupo e de escolhas lexicais que se refletem no uso de um dialeto próprio. Este trabalho também tornou possível a compreensão do *ethos* de interações radiofônicas brasileiras que se definem, na sua essência, como lugar de “inter-ação” social pautado, nos dizeres de Da Matta (1979), pelo “horror às distâncias” e pelo desejo à proximidade.

Palavras-chave: linguagem, identidade, interação, rádio.

ABSTRACT - This article focuses on telephone conversations between addressees and radio announcers. The main aim of this work is to describe and analyse the discursive strategies interactants adopt in the co-construction of social identities at a popular radio show broadcast in Belo Horizonte (“Mistureba” – a Radio Favela program). This consists of a microanalysis work of discourse in the field of Interactional Sociolinguistics (Gumperz 1982, Tannen, 1984, 1989, Schifffrin, 1996). Data were obtained from recordings on audio tapes, transcribed, accounting for a total of 171 interactions or three hundred transcribed pages. The analysis shows that the social identities of addressees and radio announcers are built on a demonstration of social affiliation that is revealed, especially in the way they address each other, which claims inclusion in the group and lexical choices that reflect the use of a distinctive dialect. This work also made it possible to understand the *ethos* of Brazilian radio interactions which are defined in essence as a place of social “interaction” – in the words of Da Matta (1979), the “horror of distance” and the desire for closeness.

Key words: language, identity, interaction, radio.

Introdução

Com o objetivo de descrever e analisar as estratégias discursivas em jogo na co-construção de identidades sociais em um programa de rádio popular de Belo Horizonte, a presente análise desenvolve-se, em relação de interface com a Análise da Conversação (Sacks *et al.*, 1974; Heritage, 1984; Marcuschi, 1991; Coulon, 1995), a partir do arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional, uma perspectiva teórica e metodológica que adota considerações da Linguística, da Sociologia e da Antropologia, propondo o estudo do uso da língua em interações sociais. Ressalta-se, assim, nessa abordagem do discurso, a importância da natureza dialógica da interação humana que considera a conversação como uma produção conjunta de falantes e ouvintes, na medida em que ambos são co-responsáveis pela co-construção da mensagem e pelo significado do que é dito.

Para abordar a dinamicidade do conceito de identidade, são fundamentais, sobretudo, as contribuições

das seguintes noções teóricas: (i) face (Goffman, 1995), (ii) estratégias de polidez (Brown e Levinson, 1987), (iii) *footing* (Goffman, 1998) e (iv) enquadre e esquemas de conhecimento (Bateson 1972; Goffman, 1995, 1998; Tannen e Wallat, 1987).

Goffman define face como a auto-imagem pública - delineada em termos de atributos socialmente aprovados - que uma pessoa reivindica para si no curso de interações sociais. Segundo o autor, o ser humano, em suas interações, tende a agir de acordo com uma determinada linha de conduta, ou seja, um padrão de comportamento verbal e não-verbal através do qual ele expressa sua visão das coisas e, através desta, seu julgamento dos outros participantes e, especialmente, de si mesmo.

A teoria da polidez de Brown e Levinson (1987) tem como ponto central a noção de face de Goffman (1980). Os autores postulam desejos racionais para a motivação da polidez: a preservação da face, sendo a noção de “face” uma qualidade fundamental no modelo

de pessoa que os autores apresentam para seu estudo. Os autores, retomando e ampliando a noção de face de Goffman (1980), estabelecem uma distinção entre face positiva e face negativa, sendo a positiva o desejo do ser humano de ser apreciado e aprovado e a negativa o desejo de ter sua individualidade respeitada, de não sofrer imposição e ter, assim, liberdade de ação.

Para cada uma dessas faces, propõem Brown e Levinson (1987) um conjunto de sub-estratégias. Para fins deste trabalho, interessa-nos uma especificamente, a de pressupor base comum, referente à polidez positiva que pode também se estender à apreciação da similaridade entre os interlocutores, podendo, assim, ser usada como um tipo de extensão metafórica de intimidade (até entre estranhos que se percebem, para os propósitos da interação, como de alguma maneira similares), indicando que o falante deseja se tornar próximo ao ouvinte. Assim, ressaltam Brown e Levinson, enquanto as realizações de polidez negativa são formas de estabelecer uma distância social no curso da interação, as de polidez positiva são formas de minimizar a distância social.

O conceito de enquadre foi introduzido por Bateson (1972) e, posteriormente, desenvolvido por Goffman (1995, 1998). Na abordagem sociológica de Goffman (1998), a noção de enquadre se refere a um parâmetro usado para dar conta do sentido que vai além do literal. Tannen e Wallat (1987) ampliam a discussão sobre enquadres, mostrando que o termo tem sido usado variadamente em linguística, inteligência artificial, antropologia e psicologia. Segundo as autoras, os vários usos do termo se enquadram em duas categorias. Uma é a de “enquadres interativos de interpretação”, que caracteriza o trabalho de antropólogos e sociólogos e aos quais as autoras se referem como *enquadres* de acordo com Bateson (1972). A outra é a de estruturas de conhecimento, às quais as autoras se referem como *esquemas*.

A primeira dessas categorias se refere, segundo Tannen e Wallat (1987), à definição do que está acontecendo em uma interação, sem o que nenhum enunciado - ou movimento ou gesto - poderia ser interpretado. A noção interativa de enquadre refere-se, assim, à noção de qual sentido os falantes dão ao que dizem (Tannen e Wallat, 1987). A segunda categoria – esquemas de conhecimento – diz respeito, segundo as pesquisadoras, às expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, ou seja, às informações pressupostas – compartilhadas ou não pelos interactantes.

Goffman (1998) introduziu o termo “*footing*” para descrever como os participantes enquadram os eventos e, ao mesmo tempo, negociam as relações interpessoais, ou “alinhamentos”, que constituem tais eventos. Para o autor, a mudança de *footing* evidencia uma mudança de postura, de posicionamento, de projeção pessoal do(s) participante(s). Como ele mesmo considera:

Uma mudança de ‘*footing*’ implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes. Tal mudança é expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de um enunciado. Uma mudança em nosso ‘*footing*’ é uma outra forma de falar de uma mudança em nosso enquadre de eventos (Goffman, 1998, p. 8).

Para atender aos propósitos deste artigo, considero crucial apresentar, antes da análise das estratégias discursivas utilizadas pelos interactantes no processo de co-construção de identidades sociais, uma descrição das condições de produção do discurso no programa de rádio em estudo, o Programa “Mistureba” da Rádio Favela de Belo Horizonte. Proponho-me, portanto, nesta introdução, a proceder a uma caracterização dos aspectos próprios à natureza das interações nesse cenário que revelam a marca do enquadre institucional dos dados.

Como sinalização do enquadre institucional dos dados em análise, constatei que, nas interações entre ouvintes e locutores de rádio, ambos os interlocutores têm direitos e obrigações endossados pelo seu papel interacional (como veremos mais adiante), o que caracteriza os dados em estudo como um evento comunicativo marcado por um certo grau de ritualização. Trata-se do que Goffman (1995) chama de consenso operacional a partir do qual os interactantes concordam em aceitar determinados parâmetros da interação para que ela aconteça, ou seja, temos uma forma de *modus vivendi* interacional. Goffman (1998, p. 15) também nos fala dessa ritualização ao definir encontro social. Segundo o sociólogo, “a conversa é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social”.

O programa em estudo

De uma maneira geral, o enquadre institucional de nossos dados constituem o que Artur da Távola (*in* Ortriwano, 1985), considera como “Rádio de Alta Estimulação” ou rádio de mobilização, na medida em que são mais voltados para a fala. Até mesmo o programa “Mistureba” da Rádio Favela, no qual a participação do ouvinte é motivada, em geral, por um pedido de música, não se constitui como “Rádio de Baixa Estimulação” (ou rádio de relaxamento, mais voltada para a música). Dessa forma, assim como as “Rádios de Alta Estimulação”, o programa focalizado: (i) busca mobilizar, (ii) usa estímulos sonoros permanentes, (iii) tem caráter de urgência: aqui e agora, (iv) mantém proximidade da comunidade, (v) individualiza os comunicadores, (vi) tem caráter de humor e descontração, (vii) personaliza o ouvinte, (viii) estimula o sentimento de solidariedade e participação nos acontecimentos da comunidade e (ix) mantém proximidade da cultura popular e de base brasileira.

O programa “Mistureba”, embora opere em FM (Frequência Modulada), não se caracteriza pela veiculação maciça de músicas, entremeada por humor, sátiras e brincadeiras dos locutores, como nos aponta Moreira (1991), como aspectos próprios das emissoras FM. Pelo contrário, o programa investe na comunicação, no bate-papo, no contato com o ouvinte, não se limitando, portanto, à exibição de músicas. Por se constituir em uma emissora de caráter comunitário (Rádio Favela), o “Mistureba” está mais próximo do rádio AM (de gêneros variados de mensagens), que, segundo Lopes (1982), é, preferencialmente, consumido pelas classes populares do que do rádio FM (dominado pela programação musical), consumido pela classe alta e setores médios e altos da classe média.

Assim, constituindo-se como uma rádio comunitária, a Rádio Favela faz com que o “Mistureba” permita o acesso rápido e fácil ao seu microfone, favorecendo o debate de problemas, crítica a autoridades, reivindicação de interesse comunitário, constituindo uma programação mais voltada para os problemas próprios de sua comunidade (Oliveira, 2000) e, como uma rádio clandestina (na ocasião de coleta dos dados), busca atingir não mais as grandes massas, mas sim as minorias e os grupos socialmente marginalizados (Ortrivano, 1985).

Ressalta-se, inclusive, que o enquadre institucional do programa “Mistureba” que caracteriza o tipo de interação e a forma de participação que é esperada dos participantes se constitui em uma estrutura conversacional relativamente rígida que atribui papéis institucionais demarcados para locutor e ouvinte, cabendo a este, de uma maneira geral, fazer pedidos de música e, àquele, além de iniciar e fechar as conversações, atender a tais pedidos. Há, portanto, uma preespecificação do tópico que consiste em um pedido de música.

A construção de identidades no programa “Mistureba”

Neste trabalho, estou definindo identidade social com base em Ochs (1993), como um processo dinâmico de demonstrar e interpretar posições sociais, afiliações, papéis, etc., já que, como enfatiza a pesquisadora: (i) as identidades sociais são construídas e socializadas nas interações e (ii) em todas as situações as pessoas são agentes na produção do seu próprio *self* e na produção do *self* do outro.

Dessa forma, estou também assumindo, conforme Schiffrin (1993), que as identidades se constroem e se reconstróem dinâmica, local e colaborativamente no curso das interações sociais e, conforme Ivanic (1998), que aquilo que as pessoas fazem carrega uma mensagem sobre sua identidade, sendo o discurso um importante tipo de ação que constrói identidade. Assim, considero, como Oliveira e Bastos (2001, p. 162), que “refletir sobre nossa identidade é o mesmo que refletir sobre quem somos ou sentimos que somos na vida em sociedade”.

As identidades sociais de locutor e ouvinte no programa “Mistureba”, cujo estúdio se localiza dentro de uma favela, são co-construídas, sobretudo, na demonstração de proximidade entre os interlocutores que se faz através da busca de uma afiliação social que torna locutor e ouvinte membros de um mesmo grupo, de uma mesma classe social, revelando sentimentos de pertencimento a uma mesma comunidade. A seguir, serão abordados três exemplos que demonstram como esse comportamento interacional fica evidente, sobretudo:

- (a) no uso de formas de tratamento que reivindicam inclusão no grupo, como: “companheiro” (ou “amigão”, “meu bom”) pelo locutor (“pode falar companheiro qual música que é?”), e “Osvaldão” pelo ouvinte - que buscam marcar uma proximidade social);
- (b) no uso de escolhas lexicais que revelam o uso de um dialeto próprio do grupo do qual ambos, locutor e ouvinte, demonstram fazer parte, como podemos notar no Exemplo 1, na fala da ouvinte “porque o pessoal da Favela não gosta que fala gaLera/então é moçada” e na do locutor “ah é:::/não::: teve um erro aqui mas não foi [erro não]” e em 2 (no trecho entre as linhas 12 e 25) em que a ouvinte ratifica seu pertencimento, sua afiliação ao grupo da rádio Favela e sua desafiação ao grupo de outras rádios, principalmente, quando demonstra sua indignação com a reclamação de outro ouvinte, referindo-se a ele como “boyzinho” e
- (c) na demonstração de conhecimento compartilhado: “um abraço aí no Rafael aí pra todo mundo”, “dá um abraço no DJ ceguinho aí” (Exemplo 3), demonstrando que locutor e ouvinte têm amigos em comum, são, portanto, próximos socialmente.

Todos esses recursos vêm também marcar a expressão de uma emoção: a demonstração dos interactantes de pertencimento ao grupo revela também a expressão de uma emoção – o orgulho – por tal pertencimento, como podemos observar nas interações a seguir nos trechos em negrito.

Aqui, especialmente no trecho entre as linhas 11 e 15, evidencia-se a demonstração de orgulho pela linguagem do grupo com a qual a ouvinte marca sua identificação. Evidencia-se, assim, por meio de uma escolha por uma linguagem peculiar, a construção de uma face que se delinea em torno de atributos linguísticos considerados aprovados pela comunidade: “porque o pessoal da Favela não gosta que fala gaLera/então é moçada”. Essa escolha consciente traz à tona um *footing* característico de um enquadre interacional marcado por demonstração de proximidade e afinidade entre os membros do grupo,

Exemplo 1. Rafael: locutor
Márcia: ouvinte

1. Rafael: oi?/.../
2. quem FAla?
3. Márcia: Márcia /.../
4. Oh eu tô ligando pra te pedir uma música .. [é:: espuma]
5. Rafael: [pode falar]
6. Márcia: ao vento /.../
7. e:: vou puxar suas orelhas aí viu?
8. Rafael: minha orelha?
9. Márcia: a sua e a do rapaz aí que falô agorinha mesmo
10. Rafael: por QUÊ?
11. **Márcia: *porque o pessoal da Favela não gosta que fala gaLERA***
12. ***então é moçada***
13. Rafael: *ah é::: (a ouvinte ri)*
14. *não:: teve um erro aqui mas não foi [erro não](a ouvinte ri)*
15. Márcia: *[não:: tá certo]*
16. Rafael: pode deixar que eu vou puxar a orelha dele /.../

Exemplo 2. Rafael: locutor
Norma: ouvinte

1. Norma: oh Rafael tudo bom?
2. Rafael: beLE::za
3. Norma: é Norma que tá falando...
4. oh Rafael?
5. Rafael: oi
6. Norma: outro dia um rapaz um **boyzinho** ligou pra aí
7. falando que /.../
8. a-a-achava uma falta de respeito
9. a maneira como vocês apresentavam o programa
10. como falavam sabe?
11. aí na hora eu não pude ligar não
12. **mas eu tô com esse negócio engasgado aqui**
13. **porQUE:: se ele tá:: defendendo as outras rádios**
14. **que o pessoal fala bonitinho**
15. **ele esquece que:: eu deixei de ouvir muita rádio**
16. **porque a gente não consegue NEM entenDER**
17. **quê o locutor fala**
18. **de tão rápido que ele fala**
19. **ele não fala nada que se aproveite....**
20. **então eu acho que:: ele deu a opinião dele na hora errada (2s)**
21. Rafael: **não é:: e engraçado que:: que a gente .. fala errado aqui (fala arrastada)**
22. **atende as pessoas .. as pessoas falam que isso**
23. **falam isso da rádio aquilo**
24. **e::: a gente até agradece quando essas pessoas falam isso**
25. **porque eles TÃO ouvindo a rádio /.../**

especificamente, da Rádio Favela.

Neste exemplo, a ouvinte marca sua identificação com o grupo da Rádio Favela, explicitando seu *orgulho*, sua preferência pela linguagem dessa comunidade, ao mesmo tempo em que revela sentimentos de *raiva* pela

crítica recebida de um determinado ouvinte – “um boyzinho” – e *repulsa* pela linguagem de outras rádios – “a gente não consegue NEM entenDER” –, alheia ao seu universo sociolinguístico.

No caso a seguir, na co-construção discursiva

Exemplo 3. Osvaldo: locutor

Cláudio: ouvinte

1. Osvaldo: ah então beLEza
2. Cláudio: = não tem jeito
3. falô?
4. Osvaldo: [um abraço aí pra]
5. Cláudio: [um abraço aí no] Rafael aí pra todo mundo
6. Osvaldo: beleza
7. **dá um abraço no DJ ceguinho aí**
8. Cláudio: falô **Osvaldão**
9. Osvaldo: falô?
10. Cláudio: [um abra-]
11. Osvaldo: [um abraço] pra ele
12. pra toda rapaziada aí
13. Cláudio: tchau

da identidade, o orgulho de pertencer ao mesmo grupo é explicitado através da revelação de se ter amigos em comum, de conhecimento compartilhado, que coloca ouvinte e locutor próximos socialmente. Constrói-se, discursivamente, além disso, o enquadre de uma interação entre amigos, inclusive, evidenciado pelo uso da forma de tratamento “Osvaldão”.

Assim, pode-se notar uma orientação dos interactantes em relação à audiência. Tanto o locutor, quanto o ouvinte estão estabelecendo uma relação de afiliação, de proximidade não só entre si, mas também com a audiência do programa, não só quando, por exemplo, mandam abraços para amigos, pressupondo tais amigos como membros dessa audiência idealizada (em “é::: eu queria mandar um abraço pra uns amigos meus”), mas também quando marcam tal audiência como membros de uma mesma família, como podemos observar no caso abaixo (linha 4 a 8):

Exemplo 4. Osvaldo: locutor

Márcio: ouvinte

1. Osvaldo: é isso aí
2. você está na Favela /.../
3. um abraço aí
4. **pra toda rapaziada aí**
5. **da família da Rádio Favela né?**
6. **a rapaziada que compõe aí a família da Rádio Favela**
7. que tá sempre aí participando e dando aquela força né
8. aí na Rádio Favela tá bom?/.../
9. Márcio: alô eu queria mandar uma música pro meu pai?/.../
- 10.

Todos esses recursos funcionam na construção de uma relação de proximidade, concretizando a estratégia

de polidez positiva ‘pressupor base comum’ (cf. Brown e Levinson, 1987). Assim, pode-se constatar que os interactantes estão co-construindo suas identidades sociais no curso das interações, definindo-se como membros de um mesmo grupo social, que se distingue das classes privilegiadas.

Além desses, outros recursos também foram observados no comportamento interacional dos participantes das interações na Rádio Favela como forma de construção de uma afiliação social. Estou me referindo à manifestação de *emoções* no discurso. No Exemplo 2, a ouvinte explicita seu *orgulho* pela linguagem da rádio, assim como sua *raiva* e *indignação* em relação à crítica de um determinado ouvinte e sua *repulsa* pela linguagem de outras rádios. Através da manifestação dessas emoções, a ouvinte constrói não só a sua identidade social, como também a identidade da própria rádio e de sua audiência idealizada, definindo-a como formada por classes populares.

Evidencia-se, portanto, que, no “Mistureba”, os interactantes co-construem suas identidades e a dos ouvintes dos programas, sobretudo, demonstrando uma *afiliação social* que revela *parceiros* e *opositores*. Como *parceiros*, ratificam os “companheiros”, a “rapaziada”, a “moçada”, membros da “família da Rádio Favela” e os *opositores*, “o boyzinho” que critica a maneira com que os locutores da Rádio Favela apresentam o programa, “as outras rádios que o pessoal fala bonitinho...a gente não consegue NEM entenDER... ele não fala nada que se aproveite” e “a audiência de outras aí que se dizem grandes”, provavelmente, membros de uma classe social mais favorecida.

Além disso, pode-se perceber que, no “Mistureba”, são também co-construídas discursivamente não só as *identidades dos participantes, da audiência e do programa*, mas também a *identidade da Rádio* como um todo – da Rádio Favela – como pode ser ratificado no trecho transcrito a seguir: “essa é a única emissora igual

você falou hoje/ nós podemos rir/podemos chorar/ fazer qualquer coisa que é::: vamos ter esse espaço/ nessas outras você não consegue nem linha pra telefonar”. Com esse enquadre interacional, ratificado por demonstrações de pertencimento ao grupo, o ouvinte estabelece, de forma enfática, respectivamente, seus parceiros – “essa emissora” – e seus opositores – “essas outras”. Também o locutor ratifica a construção da identidade da Rádio ao enfatizar: “a gente tem um lema aqui/que nem Deus agradou a todos/ não é a rádio Favela que vai ser/que vai agradar todo mundo/ mas PELO menos ela incoMODa muita gente”, definindo os *valores e as normas* da cultura da instituição, a cultura do grupo: *agradar aos parceiros e desagradar aos antagonistas*.

Observa-se, no caso 5, que esse antagonismo é também explicitado no riso do locutor que revela a concretização de uma ironia que, implicitamente, comunica um certo descaso em relação à opinião do opositor. A *ironia*, marcada pelo *riso*, consiste, assim, em uma forma indireta de marcar o antagonismo e construir identidades no “Mistureba”.

Além disso, o Exemplo 5 também revela que os participantes das interações no “Mistureba” estabelecem sua vinculação ao grupo da Rádio Favela, *definindo socialmente a ‘face’ desse grupo* como membros de uma classe social que não teve acesso à escola formal, mas que, por outro lado, beneficia-se por fazer parte de uma “universidade da vida”: **“ela tem ensinado muito e nós vamos continuar aprendendo”** (linha 62) que não se prende às paredes de uma sala de aula, mas se estende à *vida real* em sociedade. A pressuposição de

uma *base comum* passa, assim, pela demonstração de um *compartilhamento de condições de vida*, de um *cotidiano*. Os membros dessa “tribo” se auto-constroem, se definem como **“simples porém com uma cultura muito elevada”**. Referindo-se às suas práticas sociais, esse grupo marca sua identificação entre si, demonstrando compartilhar uma realidade nem sempre “colorida”, às vezes, “nua e crua”: **“a universidade da vida é uma das melhores que tem/é nela que a gente aprende tudo que há de ruim/que há de ruim você não aprende na escola/você aprende no dia a dia”**. Assim, o *grupo* é muito mais do que um grupo, é uma *comunidade* que compartilha um cotidiano. Nesse sentido, podemos entender que, no processo de co-construção de uma identidade social no “Mistureba”, há um *compartilhamento de crenças e valores*. Ressalta-se, inclusive, que, neste programa, tal compartilhamento não se resume apenas ao campo das emoções - mesmas aflições (“o que há de ruim você aprende no dia a dia”), mesmos pensamentos e sentimentos –, mas incorpora dados concretos relacionados a condições de vida e sobrevivência, ou seja, às mesmas oportunidades, como “não tivemos essa oportunidade que tiveram é::: esses magistrados de frequentar a universidade/ mas a universidade da vida tem ensinado muito e nós vamos continuar aprendendo” (Exemplo 5).

Assim, no programa “Mistureba”, o *sentido de comunidade* é tão forte que a estratégia interacional ‘pressupor base comum’ é, na co-construção de relações de proximidade e de identidades sociais, a mais utilizada pelos participantes. Acredito que talvez isso se deva ao fato de que, na ocasião da coleta de dados, a Rádio Favela

Exemplo 5. Rafael: locutor

Vicente: ouvinte

1. Rafael: pois não Rádio Favela bom DIA.... /.../
2. Vicente: alô /.../
3. é Vicente de novo
4. E:::u vou só vou só aproveitar essa essa JOvem
5. **que acabou de falar aí agGOrá....**
6. eu até:::
7. ia ligar pra você a respeito desse rapaz que deu esse parecer
8. mas eu também tenho uma opinião
9. é o que você disse aí nós estamos incomodando
10. **eu tô falando NÓS**
11. **porque eu me sinto parte integrante**
12. **dessa dessa emissora**
13. Rafael: oh Vicente to-
14. Vicente: oi?
15. Rafael: todo mundo que ouve (rindo) [é] parte da Rádio
16. Vicente: [é:::] eu me sinto quase que /.../
17. se ele tava ouvindo.. tava gostando né?
18. então só dele tomar o tempo de pegar o telefone dele

19. gastar impulso pra ligar pra criticar
 20. mas se ele tiver ouvindo vai um recadinho pra ele aqui
 21. **nós NÓS estamos incomodando a audiência de outras aí**
 22. que se dizem grandes
 23. e você me permita falar NÓS
 24. **porque como eu disse antes**
 25. **eu me sinto parte dessa emissora também**
 26. é::: sempre que posso participo através desse telefone /.../
 27. mas vai um recadinho pra esse jovem que ligou
 28. pra ele é:: ele esqueceu que **essa é a única emissora**
 29. **igual você falou hoje nós podemos rir podemos chorar**
 30. **fazer qualquer coisa que é::: vamos ter esse espaço**
 31. **nessas outras você não consegue nem a linha pra telefonar /.../**
 32. **vamos continuar falando a palavra que o povo gosta**
 33. **e que o povo entende**
 34. **obrigado por esse espaço**
 35. **que deu pra gente poder desabafar /.../**
 36. Misael: [tá falado] oh Vicente
 37. Vicente: oi?
 38. Misael: deixa eu só te falar um coisinha
 39. que tá a Aparecida aqui e a Maria Canela chegou aquiã gora
 40. é::: esses dias que eu tô saindo aQUI
 41. Vicente: ãh?
 42. Misael: eu não queria nem cantar pedra não mas vou:
 43. explicar pras pessoas o quê que eu tô fazendo
 44. nós estamos entrando em debate com uns advogados
 45. é::: procurador e juiz juiz federal
 46. e ontem ..né?
 47. nós debatemos lá na universidade lá
 48. numa aula aberta para os alunos de comunicação
 49. da Universidade Federal
 50. lá no teatro da universidade no qual é::
 51. juiz de direito um homem já doutorado aí em não sei quantos
 52. tá fazendo palestra pro Brasil inteiro.. ele
 53. ele diante de mim ele me elogiou bastante né?
 54. e eu confrontei com um juiz ontem né?
 55. é é igual eu tava falando aqui
 56. a gente cobra a lateral e corre pra cabecear
 57. Vicente: e:: **nós com nossa simplicidade é:::**
 58. **a gente nós vamos conquistando o nosso espaço**
 59. não tivemos essa oportunidade que tiveram é::: esses magistrados
 60. de frequentar a universidade
 61. mas **a universidade da vida**
 62. **ela tem ensinado muito e nós vamos continuar aprendendo**
 63. e você continua sendo essa pessoa que é né? /.../
 64. **simples porém com uma cultura muito elevada /.../**
 65. **a universidade da vida é uma das melhores que tem**
 66. é nela que **a gente aprende tudo que há de ruim**
 67. **que há de ruim você não aprende na escola**
 68. **você aprende no dia-a-dia /.../**

ainda tinha um *caráter clandestino*, ou seja, uma rádio não-autorizada, daí, portanto, justificar-se-iam as posturas tão acirradas na busca de construção da identidade não só dos participantes, do programa e de sua audiência, mas também e, principalmente, da própria Rádio.

Constata-se, assim, que o “Mistureba” constrói o seu território, a sua linguagem, o seu dialeto, definindo os “habitantes” dessa comunidade e revelando, assim, um *ethos interacional* (Brown e Levinson, 1987) bastante peculiar. Ao mesmo tempo em que o grupo se define interacionalmente como uma cultura de polidez positiva, na medida em que constrói relações de proximidade, também se caracteriza como uma cultura de polidez negativa, pois há um sentido de *território*, de *cultura* própria muito forte. Em outras palavras, constrói-se proximidade, cordialidade com os membros da comunidade e distanciamento e até uma certa hostilidade com aqueles que não o são, como vimos especialmente no Exemplo 5. Assim, pode-se verificar que o processo de construção de identidades é permeado pela proposição concomitante de diferentes *footings*, faces e enquadres interacionais.

Conclusão

Tendo sido objetivo deste artigo descrever e analisar, em um programa de rádio popular de Belo Horizonte, como se dá o processo de co-construção discursiva de identidades, constatou-se que as estratégias utilizadas pelos interactantes são, sobretudo: (i) uso de formas de tratamento que reivindicam inclusão no grupo, (ii) uso de escolhas lexicais que revelam o uso de um dialeto próprio do grupo, ratificando pertencimento, afiliação ao grupo da rádio Favela e desafiliação em relação ao grupo de outras rádios, (iii) demonstração de conhecimento compartilhado, (iv) expressão de emoção no discurso: orgulho por pertencimento ao grupo e pela sua linguagem e indignação e repulsa pela linguagem de outras rádios.

Evidencia-se, dessa forma, que todos esses recursos funcionam na construção de uma relação de proximidade, concretizando a estratégia de polidez positiva ‘pressupor base comum’ (cf. Brown e Levinson, 1987). Assim, pode-se constatar que os interactantes estão co-construindo suas identidades sociais no curso das interações, definindo sua face como membros de um mesmo grupo social, que se distingue das classes privilegiadas.

A análise das interações radiofônicas brasileiras em estudo revelou a construção de um *footing* que se pauta, exatamente, pelo “horror às distâncias” e pelo desejo à proximidade, como ressalta Da Matta (1979). Assim como a expansão da televisão não significou o abandono do rádio - como nos confirma Martins (1999, p. 21) “o rádio segue um caminho próprio, convive com a televisão, sem conflitos nem perdas capazes de destruí-lo” - também as evoluções da modernidade (principalmente aquelas relacionadas à rede mundial de computadores),

que revolucionaram as práticas discursivas através de, por exemplo, *e-mails* e *chats*, não levaram o rádio ao esquecimento. Pelo contrário, este trabalho comprovou que, mesmo em um mundo pós-moderno, repleto de novas formas de comunicações interpessoais, o rádio se mantém como um importante veículo de comunicação interpessoal amplamente difundido, uma forma de comunicar na comunidade, de ser ouvido e, sobretudo, de estabelecer contato humano, na medida em que se institui, nos termos de Paiva (1997), como um lugar de encontro, envolto por uma atmosfera de conforto e um clima acolhedor.

Assim, mesmo na pós-modernidade, as interações em estudo mostram como as relações sociais continuam a ser marcadas, basicamente, pelo desejo à proximidade e pelo medo da solidão que tornam o rádio o companheiro do dia a dia, como nos comprova Fred Macdonald (1980, in Moss e Higgins, 1984, p. 354), “o rádio tornou-se um companheiro/.../ Uma intimidade foi desenvolvida entre o rádio e o indivíduo”. Quer seja em casa, quer seja no trabalho, ou até mesmo dentro do carro, o rádio se constitui como um canal de comunicação de acessibilidade ampla que, para o contato com o outro, não requer um computador ou conexão em rede, como as formas de interação modernas, mas tão somente um telefone e o desejo de estabelecer contato humano.

Representa, assim, este estudo, uma tentativa de reflexão sobre como o discurso constrói nossas relações ou, vice-versa, como nossas relações se constroem através do discurso e, assim, constituem nossa identidade social em interações do dia a dia.

Creio, dessa forma, que o presente trabalho possa vir a contribuir não somente para o campo dos estudos interacionais (mais especialmente à Análise do Discurso na perspectiva da Sociolinguística Interacional), mas, também, para diversas áreas que levam em conta os aspectos relacionados às trocas interpessoais reguladas pelo uso da linguagem em situações concretas de interação social, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Comunicação Social. Afinal, acredito, como Brown e Levinson (1987, p. 55) que “o uso da língua é parte da matéria prima com que as relações sociais são feitas/.../ Descobrir os princípios de uso da língua pode ser largamente coincidente com descobrir os princípios através dos quais as relações sociais, no seu aspecto interacional, são construídas”.

Referências

- BATESON, G. 1972. *Steps to an Ecology of the Mind*. New York, Ballantine Books, 533 p.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. 1987. *Politeness. Some Universals in Language Usage*. Cambridge, Cambridge University Press, 352 p.
- COULON, A. 1995. *Etimologia*. Petrópolis, Vozes, 144 p.
- DA MATTA, R. 1979. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 350 p.
- GOFFMAN, E. 1980. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: S. FIGUEIRA (org.), *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 76-114.

- GOFFMAN, E. 1998 [1981]. Footing. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (orgs.), *Sociolinguística Interacional*. Porto alegre, AGE Editora, p. 70-97.
- GOFFMAN, E. 1995. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 233 p.
- GUMPERZ, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 225 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511611834>
- HERITAGE, J. 1984. Analysing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience. In: T.A. VAN DIJK (ed.), *Handbook of Discourse Analysis*. London, Academic Press, vol. 3, p. 117-195.
- IVANIC, R. 1998. *Writing and Identity. The discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 373 p.
- LOPES, M.I.V. 1982. *O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 276 p.
- MARCUSCHI, L.A. 1991. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática. Série Princípios, 94 p.
- MARTINS, F. 1999. *Senhores ouvintes, no ar... a cidade e o rádio*. Belo Horizonte, C/Arte, 144 p.
- MOREIRA, S.V. 1991. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 231 p.
- MOSS, P.; HIGGINS, C. 1984. Radio Voices. *Media Culture & Society*, 6:353-375. <http://dx.doi.org/10.1177/016344378400600404>
- OCHS, E. 1993. Constructing Social Identity: a language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*, 26(3):287-306. http://dx.doi.org/10.1207/s15327973rlsi2603_3
- OLIVEIRA, V.C. 2000. *Som e sentido nas ondas do rádio*. Belo Horizonte, Departamento de Comunicação Social da UFMG, 6 p. [Mimeo].
- OLIVEIRA, M.C.L.; BASTOS, L.C. 2001. Saúde, doença e burocracia pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: B.T. RIBEIRO; C.C. LIMA; M.T.L. DANTAS (org.), *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB – CUCA, p. 161-185.
- ORTRIWANO, G.S. 1985. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus Editorial, 120 p.
- PAIVA, V. 1997. A mensagem radiofônica: o acontecimento (re)significado. In: M. MOULLAUD; S.P. DAYRELL (orgs.), *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15, p. 551-572.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. 1974. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50:696-735. <http://dx.doi.org/10.2307/412243>
- SCHIFFRIN, D. 1993. “Speaking for Another” in Sociolinguistic Interviews: Alignments, Identities and frames”. In: D. TANNEN (ed.), *Framing in Discourse*. New York/Oxford, Oxford University Press, p. 231-263.
- SCHIFFRIN, D. 1996. Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society*, 25(2):167-203. <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404500020601>
- TANNEN, D. 1989. *Talking voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge, Cambridge University Press, 240 p.
- TANNEN, D. 1984. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: D. OLSON; N. TORRANCE; A. HILDYARD (ed.), *Literacy, Language and Learning. The Nature and Consequences of reading and writing*. London, Cambridge University Press, p. 124-147.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. 1987. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/ interview. *Social Psychology Quarterly*, 50(2):205-216. <http://dx.doi.org/10.2307/2786752>

Submissão: 07/07/2010
Aceite: 18/07/2011

Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista

Faculdade Novos Horizontes
Rua Alvarenga Peixoto, 1270
30180-121, Belo Horizonte, MG, Brasil

Faculdade Promove
Avenida João Pinheiro, 100
30130-180, Belo Horizonte, MG, Brasil

Apêndice

Convenções de transcrição dos dados

Pausa de menos de meio segundo:	..
Pausa de meio segundo:	...
Pausa de um segundo:
Pausa superior a um segundo:	(1,5) números entre parênteses
Descida leve, sinalizando final de enunciado:	.
Descida leve, sinalizando que mais fala virá:	,
Subida rápida, sinalizando interrogação:	?
Fragmentação da unidade entonacional:	- -
Truncamento:	-
Alongamento:	: :: ::::
Ênfase:	MAIÚSCULA
Silabação letra-a-letra	- - - -
Repetição:	reduplicação de letra ou sílaba
Observações sobre ritmo e volume de fala:	()
Pausa preenchida:	eh, oh, ah, hum hum, âhã
Indicação de transcrição parcial:	/.../
Iniciação simultânea do turno:	[[
Continuação da fala:	=
Sobreposição de vozes:	[]